

DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

O AMIGO DE CASTRO ALVES

MOACYR SCLiar

ea

editora ática

O amigo de Castro Alves
© Moacyr Scliar, 2005

Editora-chefe	Claudia Morales
Editor	Fabrizio Waltrick
Editor assistente	Fabio Weintraub
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Preparador de texto	Agnaldo Holanda
Revisora	Cátia de Almeida
Seção “Outros olhares” e antologia	Ivone Daré Rabello
Estagiária	Fabiane Zorn

ARTE	
Diagramadora	Thatiana Kalaes
Editoração eletrônica	Estúdio O.L.M. Eduardo Rodrigues
Capa	Lúcia Brandão
Pesquisa iconográfica	Sílvio Kligin
Ilustrações de Castro Alves	Samuel Casal
Estagiária	Mayara Enohata

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S434a

Scliar, Moacyr, 1937-

O amigo de Castro Alves / Moacyr Scliar ; 2.ed. - São Paulo : Ática, 2008.
il. - (Descobrimos os Clássicos)

Contém apêndice e suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-12035-2

1. Alves, Castro, 1847-1871 – Literatura infantojuvenil. I. Título. II. Série.

04-3210.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12035-2

CL 736564

CAE 243274

2019

2ª edição

8ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2005

Av. das Nações Unidas, 7221, Pinheiros – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivolector.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



LIÇÃO DE LIBERDADE

O livro que você tem em mãos conta a história de uma amizade entre um escritor que de fato existiu — o poeta romântico Castro Alves — e um escravo inventado, de nome Tião, que poderia muito bem ter existido. É a história de uma amizade entre homens de grupos sociais distintos, em uma época na qual os escravos não contavam como gente, mas apenas como a “preta mercadoria”. É época, aliás, da qual não estamos distantes, já que mais de um século após a assinatura da Lei Áurea o trabalho escravo ainda não foi erradicado do Brasil e está por chegar o dia em que os negros verão seus direitos civis plenamente reconhecidos.

Nas páginas seguintes, levado pela mão segura de Moacyr Scliar, você vai acompanhar o percurso dessa “amizade difícil”, correndo em paralelo com os poemas e a vida de Castro Alves. Da infância no interior da Bahia (observando as distâncias entre a senzala e a casa-grande) aos versos patrióticos dos tempos de ginásio; do ingresso na Faculdade de Direito do Recife à consagração no Rio de Janeiro (onde será recebido por escritores do porte de José de Alencar e Machado de Assis), Scliar vai misturando, com perícia e sabor, fatos biográficos, poemas e a mais pura ficção.

Mas o toque de mestre de Scliar se liga mesmo à habilidade em relacionar os episódios que compõem a face “pública” de Castro Alves (incluindo aí as desventuras amorosas com

a atriz Eugênia Câmara, bem como o trágico acidente que mutila o poeta em São Paulo) à história de amizade com Tião, escravo fugido da fazenda paterna, que o poeta reencontra em Recife. Desse encontro clandestino e tenso vão brotar algumas das melhores passagens do livro, testemunho de uma aprendizagem que engaja os dois amigos.

E em que consiste tal aprendizagem? Com o amigo branco, Tião aprende a ler e a apreciar as peculiaridades da linguagem poética. O poeta, por seu turno, aprende com Tião algo sobre os limites da poesia e sobre as diferenças sociais e culturais que os separam.

São lições das quais você também pode tirar proveito, seguindo as peripécias desses dois companheiros e entoando em voz alta os versos indignados do poeta. Versos que conclamam a um mundo mais justo, onde amizade e liberdade rendam bem mais que uma rima pobre.

Os editores

SUMÁRIO

Nota introdutória	11
1 O nascimento do poeta.....	13
2 A ama de leite.....	16
3 Tião.....	22
4 Na cidade	30
5 De volta à fazenda	40
6 A morte da mãe.....	48
7 Nasce um poeta.....	50
8 Dificil decisão.....	56
9 No Recife.....	62
10 Encontro inesperado	68
11 Antonio e seu amigo secreto.....	78
12 A vida lá fora	87
13 Tudo muda de repente	95
14 Vida tumultuada.....	106
15 Notícias de Tião	112

16	Anos de inquietação	119
17	O acidente.....	126
18	A doença se agrava	128
19	Visita inesperada	131
20	O fim.....	138
	Outros olhares sobre a obra de Castro Alves	143
	Castro Alves: uma breve antologia	159
	Fontes consultadas	181



*Para Fernando Paixão, grande editor, grande poeta.
À memória de Jorge Amado,
que fez de Castro Alves notável personagem.*

NOTA INTRODUTÓRIA

A curta vida de Castro Alves foi tão movimentada, tão cheia de aventuras, paixões e sofrimento que, como se costuma dizer, daria um romance. Muito do que está narrado aqui aconteceu de verdade, mas há personagens fictícios, imaginários: o feitor de escravos Duarte, o escravo Tião, sua companheira Maria do Horto, o filho deles, Antonio, Fagundes, Custódio... Fictícios, mas poderiam ter existido de fato, pois a ficção é uma maneira de completar a realidade.

À época em que Castro Alves viveu, a escravatura estava presente em todo o país. O Brasil dependia dos escravos. Muita riqueza resultou do sangue e do suor deles, fato que o poeta nunca esqueceu, e que está presente em muitos de seus poemas. Vamos falar de um poeta e de escravos. Vamos falar do poeta dos escravos.



• 1 •

O nascimento do poeta

Muitas pessoas pensam nos poetas como criaturas diferentes, uma espécie de extraterrestres, que vivem em uma outra realidade e não se preocupam com coisas como comer, ir ao banheiro, vestir-se, trabalhar. Mas isso é um engano.

Poetas (e escritores, e artistas) são seres humanos iguais a qualquer outro ser humano. Para começar, poetas não descem das alturas, não vêm do espaço sideral. Poetas, como todos os seres vivos, nascem. Nascem na cidade ou nascem no campo, nascem no hospital ou nascem em casa, nascem de dia ou nascem de noite — mas nascem. São bebês que, como todos os bebês, abrem os olhinhos e veem o mundo, estranho e fascinante mundo. Respiram — coisa que não tinham feito no útero materno. O ar lhes invade os pulmõezinhos. Essa primeira inspiração é um choque. E aí choram, claro: é a linguagem dos recém-nascidos, o choro. Crescem, aprendem a falar, aprendem a ler, aprendem a escrever; aprendem a admirar e a amar a poesia, aprendem a buscar em si próprios inspiração e escrevem poemas — sobre este nosso mundo, o mundo que eles continuam a olhar de modo diferente, um pouco como os bebês. Tal olhar, transformado em palavras, é que nos encanta, e que nos faz viver melhor.

Quando a gente quer dizer que alguém é sonhador, que não sabe lidar com coisas práticas, dizemos que se trata de um poeta. É uma injustiça. Um bom poema nos ajuda a viver, e portanto a fazer as coisas práticas que temos de fazer todos os dias. Um bom poema nos dá uma lição de vida, nos abre caminhos. Poetas nascem, sim, nascem todos os dias — e ainda bem que todos os dias nascem poetas, e ainda bem que os poetas escrevem poemas.

No dia 14 de março de 1847 nasceu um poeta. Nasceu numa rústica e modesta casa de fazenda, no interior da Bahia, perto do rio Paraguaçu. Lugar agreste, planície ao lado de mata virgem: cactos, e umbus, e cajueiros, e o gado pastando no campo.

O menino recebeu o mesmo nome do pai: Antonio. Antonio Frederico de Castro Alves. Desse “Frederico” ele não gostava. Muitas pessoas não gostam do nome que têm, mas o garoto ficava simplesmente furioso quando alguém o chamava de Frederico. Pedia briga, até. Quando começou a escrever, só assinava Antonio de Castro Alves. E como Antonio de Castro Alves ficou conhecido. Ah, sim, e ele tinha um apelido, Cecéu, que havia sido dado pelo irmão mais velho, José Antonio.

O pai, o doutor Antonio José Alves, era médico. E médico muito dedicado: para aperfeiçoar seus conhecimentos, viajou por vários países da Europa — França, Bélgica, Holanda, Alemanha. Tornou-se cirurgião; operava tão bem que até os médicos no estrangeiro admiravam sua técnica. Mas mesmo médicos podem ficar doentes, e isso aconteceu com ele. Ainda jovem, começou a se sentir muito fraco, muito debilitado. Naquela época, não era muito fácil descobrir que doença a pessoa tinha; e também não havia remédios para a maioria das doenças. O que se recomendava, para as pessoas

enfermas, era que se alimentassem melhor, que se preocupassem menos, que levassem uma vida mais sadia. O doutor Alves resolveu aplicar a si próprio essas recomendações: deixou a capital e foi para o interior da Bahia, para um lugar conhecido como Curralinho. Lá conheceu uma linda moça, Clélia, filha de militar, por quem se apaixonou. Casaram, moraram por algum tempo em Curralinho, depois foram para a fazenda de Cabaceiras, que pertencia à família de Clélia, e onde se criava gado. Ali ficaram por cerca de sete anos. Durante esse tempo tiveram quatro filhos: José Antonio, Antonio, João — falecido ainda bebê — e Guilherme. Mais tarde nasceriam as meninas: Elisa, Adelaide e Amélia.



• 2 •

A ama de leite

Antonio foi criado por uma “mãe preta”: Leopoldina chamava-se a escrava que cuidava dele, vestia-o, dava-lhe de mamar, embalava-o para dormir. Substituía assim dona Clélia, que, sendo uma mulher fraca, debilitada, não tinha energia para carregar o filho no colo, trocar suas roupinhas molhadas de xixi, dar banho.

Leopoldina fazia isso com muita energia e disposição; era uma mulher ainda jovem, cheia de corpo, bonita, alegre, carinhosa. Tinha leite bastante para amamentar o nenê, porque também era mãe de uma criança pequena. Adorava o seu filho, Gregório, e adorava o pequeno Antonio, a quem ensinou as primeiras palavras e a quem guiou nos primeiros passos. Antonio muitas vezes chamava-a de mãe. Um dia — ele teria uns três anos — os dois estavam sentados à sombra de um cajueiro, quando o menino disse, apontando o chão:

— Olhe, mamãe, olhe essas formigas! Olhe como elas são grandes, como correm! Parecem malucas!

Ela olhou e concordou: eram mesmo grandes aquelas formigas, as maiores que já tinha visto, e de fato corriam de um lado para outro. Mas algo, no jeito de falar do menino, a in-

comodou; precisava fazer uma observação a respeito, mas hesitava, temendo a reação dele. Por fim se decidiu:

— Antonio, eu preciso lhe dizer uma coisa. Uma coisa que você, sendo grandinho, agora pode compreender. Você sempre me chamou de mãe, mas não está certo você me chamar assim. Porque eu não sou sua mãe de verdade, Antonio. Você sabe disso. Sua mãe é a dona Clélia.

Como ela temia, Antonio se magoou com aquilo. Mirou-a, os grandes olhos cheios de lágrimas:

— Você é minha mãe, sim. Você é quem brinca comigo, você é quem cuida de mim. Você é minha outra mãe.

— Não, Antonio. Eu tomo conta de você, sim, eu brinco com você, eu faço o que você quiser. Mas sua mãe é a dona Clélia. Foi do corpo dela que você saiu. Ela não pode cuidar de você, como gostaria, porque é uma pessoa doente, fraca. Mas ela ama muito você, tenha certeza disso. Ela é que é sua mãe, não eu.

Antonio soluçava:

— Quer dizer que você não gosta de mim? Que você só cuida de mim porque mandam você fazer isso?

— Não, Antonio. Eu cuido de você porque eu amo você. Amo muito, Antonio. — Agora era Leopoldina quem tinha lágrimas nos olhos. — Amo você como se fosse meu filho.

Antonio parou de chorar, arregalou os olhos:

— Verdade? Você me ama como se eu fosse seu filho? É assim que você me ama?

— É. É assim que eu amo você. Como se você fosse meu filho.

— Viu? — Ele, triunfante. — Se você me ama como se eu fosse seu filho, então eu posso chamar você de mãe.

O garoto era esperto mesmo. Leopoldina sorriu, meio desconcertada:

— Mas eu lhe expliquei...

— Eu sei que você me explicou. Eu entendi o que você explicou. Mas não me importa. Você é minha mãe. Minha mãe, a Clélia, é minha mãe, e você também é minha mãe. Eu tenho duas mães, pronto. Duas mães é melhor que uma, não é mesmo?

Vitorioso, arrematou:

— E agora me conte uma história.

Um pedido que Leopoldina nunca recusava. Contar histórias era coisa que ela gostava de fazer, e sabia fazer. Mais: convivendo há anos com dona Clélia e com o doutor Alves, adquirira um vocabulário que os outros escravos não tinham, e que a todos deixava admirados. Narrava sobretudo histórias da África, de onde tinha vindo, ainda criança, como escrava. Mas disso não falava a Cecéu; ao contrário, descrevia-se como uma princesinha africana que abandonara tudo para vir ao Brasil:

— Meu pai era um rei poderoso, mandava em muita gente. Nós morávamos no meio da selva, mas num palácio enorme. Eu tinha um quarto só para mim, um grande banheiro com lindas toalhas bordadas. Tinha empregadas que lavavam e passavam minha roupa e me traziam as refeições... Eu só comia do bom e do melhor. Quando fiz treze anos, o capitão de um navio que visitava o palácio, a convite de papai, falou-nos do Brasil: um país enorme, parecido com a África, mas muito mais bonito. E de gente muito boa, muito amável. De imediato fiquei encantada com aquele lugar; naquela noite tive um sonho. Sonhei que estava no Brasil, no meio de uma grande floresta. E ali, numa clareira, deitado no chão, estava um bebê lindo, um bebê parecido com você, estendendo os bracinhos para mim.

— Era eu? — perguntou Antonio, ansioso. — Era eu, Leo? Leo era o apelido que ele lhe dera.